

# Juventude e política segundo as organizações juvenis: experiências de ensino e de formação política em uma universidade do interior de Minas Gerais

Youth and politics according to youth organizations: teaching experiences and political training at a university in Minas Gerais

*Luís Antonio Groppo\**

*Adilene Moreira Dionizio\*\**

*Anna Cinthia Tobias Pereira\*\*\**

*Enzo Michel Goussain\*\*\*\**

*Lívia Furtado Borges\*\*\*\*\**

## RESUMO

Este trabalho almeja duplamente tratar da re-lação entre educação e movimentos sociais, especificamente, a dimensão educativa das organizações juvenis de caráter político atuantes em uma universidade pública do Sul de Minas Gerais. Primeiro, sistematiza uma experiência de ensino e pesquisa em uma disciplina eletiva de graduação, “Juventude e movimento estudantil”, que tentava estudar os movimentos com base em bibliografia e por meio de investigações de campo sobre coletivos juvenis. Segundo, interpreta os resultados desta experiência investigativa, destacando as concepções de juventude e política ativas por coletivos políticos estudantis. A pesquisa contou com o levantamento de organizações, coleta de documentos e entrevistas com militantes de grupos estudantis. Sobre a sistematização das experiências na disciplina, os resultados demonstram a qualificação de uma atividade que buscou integrar ensino, pesquisa e extensão e aproximar os estudos acadêmicos das práticas sociopolíticas dos jovens estudantes. A pesquisa de campo destaca as contribuições das práticas de formação política, promovidas pelos coletivos estudantis, para a politização do espaço da universidade e para a atuação imediata, como sujeitos políticos, dos jovens estudantes universitários.

**Palavras-chave:** Juventude. Movimento estudantil. Formação política. Estudantes.

## ABSTRACT

This work aims to deal with the relations between education and social movements, more specifically, the educational dimension of youth acting political organizations in a public university in the South of Minas Gerais, Brazil. First, it systematizes a teaching and research experience in a course of university graduation, “Youth and student movement”. This course dealt with the youth movements through literature and field research. Second, the article interprets the results of this research experience, highlighting the concepts of youth and politics enabled by political collectives of students. The research was conducted through survey organizations, collection of documents and interviews with activists from student groups. On the systematization of experiences in the discipline, the results demonstrate the qualification of an activity that sought to integrate teaching, research and extension and approach academic studies of sociopolitical practices of young students themselves. Regarding to the research results, the contributions of these political education practices promoted by student collectives to the politicization of the university space and for immediate action, as political subjects, of young students have been highlighted.

**Keywords:** Youth. Student movement. Political education. College students.

\*Professor da Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG). Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: [luis.groppo@gmail.com](mailto:luis.groppo@gmail.com)

\*\* Bacharel em Ciências Sociais pela Unifal-MG. E-mail: [adilenediva@hotmail.com](mailto:adilenediva@hotmail.com)

\*\*\* Estudante do curso de Medicina da Unifal-MG. E-mail: [annatobiaside@gmail.com](mailto:annatobiaside@gmail.com)

\*\*\*\* Bacharel em Ciências Sociais pela Unifal-MG.. E-mail: [enzo.goussain@outlook.com](mailto:enzo.goussain@outlook.com)

\*\*\*\*\* Estudante do Bacharelado em Ciências Sociais da Unifal-MG. E-mail: [liviafurtadob@yahoo.com.br](mailto:liviafurtadob@yahoo.com.br)

## Introdução

**E**ste trabalho almeja duplamente tratar da relação entre educação e movimentos sociais, mais especificamente, a dimensão educativa das organizações juvenis de caráter político atuantes em uma universidade pública do Sul de Minas Gerais. Primeiro, sistematiza uma experiência de ensino e pesquisa em uma disciplina eletiva de graduação, “Juventude e movimento estudantil”, que tencionava não apenas estudar os movimentos estudantis com base em bibliografia, mas também por meio de investigações de campo sobre organizações. Segundo, interpreta alguns dos resultados desta experiência de investigação, destacando as concepções de juventude e política ativas por organizações juvenis de caráter político.

Dois são os objetivos deste artigo: primeiro, sistematizar uma prática de ensino a respeito dos movimentos sociais; segundo, interpretar os sentidos de juventude e política de acordo com duas organizações políticas juvenis no interior de uma universidade.

Busca-se atender estes objetivos, primeiro, pela descrição e análise da proposta e efetivação da disciplina, com base no Plano de ensino, cronograma e outros registros feitos por professor e estudantes que a cursaram. Segundo, pela discussão da experiência da investigação a respeito das organizações juvenis realizada pelos estudantes, por meio do projeto de pesquisa coletivo elaborado em sala, roteiro de entrevista construído coletivamente e os relatórios de pesquisa redigidos pelos estudantes. Enfim, é feita a interpretação de alguns dos resultados dessa investigação, no que se refere às representações de juventude e às práticas políticas das organizações juvenis.

Entretanto, mais do que agradecimentos, os estudantes que participaram da disciplina e da investigação mereceriam o reconhecimento pela coautoria de um trabalho verdadeiramente coletivo. Eles não apenas se dispuseram a participar de uma disciplina por livre escolha, como acolheram o desafio de fazer uma pesquisa a respeito do mesmo assunto que pesquisavam teoricamente, em todas as suas etapas, e de modo coletivo.

Há ainda que se citar que, a partir desta disciplina, em conjunto com o Grupo de Estudos sobre Juventude (projeto de extensão universitária), foi realizado nas noites de 15 e 16 de junho de 2015 um Seminário, com duas mesas, reunindo a maioria das organizações juvenis atuantes na universidade. O Seminário foi denominado “Jovem não apenas estuda, também se organiza!”: Encontro dos grupos juvenis da universidade. Esta experiência está narrada em outro trabalho (MAGALHÃES et al., 2016), demonstrando também que as práticas aqui descritas e sistematizadas tiveram desdobramentos na extensão universitária.

## A experiência da disciplina “Juventude e movimento estudantil”

Nasceram, com o deslumbramento do autor-educador pelo vigor das organizações juvenis atuantes no interior da universidade, algumas iniciativas. Entre elas, a no 1º semestre de 2015 a disciplina eletiva “Juventude e movimento estudantil”, com 60 horas, que foi cursada por 19 estudantes, 14 do curso de Ciências Sociais, 4 de História e 1 de Medicina.

O plano de ensino propunha, como objetivo geral, contribuir para que os estudantes construíssem conhecimentos sociológicos e históricos sobre juventude e movimento estudantil, em destaque o Brasil contemporâneo, bem como debatessem e pesquisassem sobre as organizações juvenis na atualidade.

O conteúdo programático foi dividido em 4 Unidades.

A primeira, “Dialética das juventudes modernas e contemporâneas”, se baseou na leitura de um texto que sistematiza contribuições da sociologia da juventude (GROPPO, 2004). Trata da concepção dialética de juventude, que afirma que o processo de modernização também foi o da tentativa de instituições sociais “moldarem” a juventude em grupos ou instâncias controlados por adultos. Geraram-se grupos etários homogêneos, nos quais indivíduos com idades semelhantes vivem próximos, ou nutrem expectativas comuns mesmo quando distantes do espaço. Mas esta nova realidade pode ser o celeiro de outras ou novas manifestações por autonomia, nas quais os sujeitos jovens podem criar identidades, experiências e valores diversos, total ou parcialmente, daqueles estabelecidos hegemonicamente. Estes sujeitos podem formar grupos juvenis informais, movimentos estudantis e contraculturas, podem participar de revoltas, greves e guerrilhas, entre outros.

A segunda unidade tratou dos “Movimentos estudantis na segunda metade do século XX”, em especial a partir dos anos 1960, em que foram estudados em textos reunidos na coletânea organizada por Groppo et al. (2008). A terceira, “Movimentos juvenis no mundo contemporâneo”, tratou do movimento antiglobalização dos anos 1990, dos movimentos juvenis no início do século XXI, do MPL (Movimento Passe Livre) e das Jornadas de Junho de 2013.

A Unidade IV, “Organizações juvenis”, tinha como objetivos contribuir para que o estudante conhecesse as organizações juvenis atuais e que desenvolvesse habilidades de pesquisa, investigando as formas de atuação coletiva de jovens na região, atualmente. Primeiro, a Unidade recuperou, de bibliografia já citada acima, a discussão sobre as formas que o movimento estudantil e outras organizações juvenis têm assumido na contemporaneidade. Realizou-se a crítica ao modelo do protagonismo juvenil (SOUZA, 2009) e discutiram-se novos modelos de participação, oficiais (SOUZA, 2011) ou autônomos (SOUZA, 2008), novos modelos de organização, como os “coletivos fluidos” (SILVA; CASTRO, 2013) e as temáticas identitárias no movimento estudantil em especial, gênero e raça (MESQUITA, 2008). Segundo, planejou e

realizou a pesquisa de campo sobre as organizações juvenis atuantes na universidade ou na região, que será discutida no próximo item.

## A experiência da pesquisa

As etapas iniciais desta investigação, na verdade, se sobrepuseram aos estudos teóricos das demais unidades, como a construção de um anteprojeto de pesquisa e o levantamento das organizações juvenis.

O anteprojeto de pesquisa foi construído de modo dialogado e coletivo, ao longo das aulas. Tinha como tema as organizações juvenis do município do Sul de Minas Gerais. Como objetivo geral, compreender os sentidos de juventude e política na construção da identidade destas organizações juvenis.

A metodologia previa uma série de procedimentos, entre os quais foram efetivamente realizados os seguintes: a) Levantamento de organizações juvenis estudantis atuantes no município e região; b) Contato dos grupos com as organizações escolhidas para a pesquisa - cada grupo de estudantes ficou a cargo de uma organização; c) Coleta e análise de documentos das organizações investigadas; d) Entrevistas semi-estruturadas, a partir de um roteiro de questões, com membros das organizações juvenis escolhidas.

Em relação ao roteiro das entrevistas, as questões versaram sobre a organização (estrutura, funcionamento, objetivos e histórico), as concepções de jovem, juventude e política e a trajetória de militância do entrevistado. As entrevistas objetivaram conhecer a versão dos militantes a respeito do funcionamento da organização e os sentidos que elas atribuem à juventude e política.

Na primeira etapa da pesquisa, em março de 2015, foi feito um levantamento das organizações juvenis atuantes no município do Sul de Minas. Foram identificadas 33 organizações, incluindo seções juvenis de organizações controladas por adultos.

Os maiores números vieram da universidade pública sediada no município. Entre as entidades estudantis “tradicionais”, 5 Centros Acadêmicos de cursos de graduação e o DCE (Diretório Central Estudantil). Ou seja, 6 entidades. Mas entre as organizações juvenis atuantes na universidade, distintas das ditas tradicionais, encontraram-se 16: a maioria, Atléticas de cursos (6); 3 organizações ligadas à religiosidade (dois grupos de oração - um católico, outro evangélico - e um grupo de meditação budista); 3 coletivos identitários (2 ligados ao gênero feminino, outro à diversidade sexual); 2 coletivos culturais (um de maracatu, outro de música popular); 1 grupo de estudantes que promovem um cursinho popular; e 1 movimento em defesa das repúblicas de estudantes.

As seções juvenis de organizações controladas por adultos levantadas foram 7. A maioria, 4, eram ligadas a organizações sociais como a maçonaria (2), Rosa-Cruz (1) e Rotary Clube (1). Outras 2 eram ligadas a tendências

políticas da esquerda, atuando principalmente no interior da universidade pública. Enfim, o Tiro de Guerra do município, considerado como seção juvenil das Forças Armadas.

As organizações não-exclusivamente juvenis, mas com grande participação de jovens, foram 4: uma tendência de partido político da esquerda, um coletivo ecológico, um grupo de teatro e o movimento negro do município.

Obviamente, não se pretendia que o levantamento fosse exaustivo, que desse conta de todas ou mesmo da maior parte das organizações. A intenção era conseguir um certo retrato da diversidade das organizações. E com ele foi possível perceber que era grande, maior do que se pensava inicialmente, a quantidade e principalmente a diversidade de organizações juvenis atuantes dentro da universidade. Não apenas via entidades estudantis “tradicionais”, como centros acadêmicos e DCE, mas também por meio de coletivos mais ou menos fluidos, tais como grupos voltados a práticas culturais, coletivos de gênero e diversidade sexual, religiosidade, esoterismo, cursinho popular, luta reivindicatória e política partidária.

Para a pesquisa de campo, foram escolhidas 3 organizações bastante atuantes dentro da universidade: duas seções juvenis de tendências políticas da esquerda e os estudantes que organizam um cursinho popular. Um dos grupos de estudantes escolheu uma seção juvenil da Maçonaria, atuante no Sul de Minas Gerais, considerando a grande imersão dela em temas políticos.

## As organizações pesquisadas

Como visto, um dos grupos de estudante escolheu investigar para a disciplina, uma seção juvenil da Maçonaria, atuante no Sul de Minas Gerais. Apesar desta organização ser relevante para os estudos da disciplina sobre juventude e política, os resultados de sua pesquisa não serão considerados neste artigo porque tal organização não se configura como movimento social, nem como organização ligada a algum movimento social, dado que a maçonaria e a seção juvenil pesquisada são apresentadas como instituições “discretas” (não mais secretas) com intensas ligações com as elites econômicas e políticas constituídas. Entretanto, há de se relatar, ainda de acordo com a investigação dos estudantes na disciplina, que mesmo esta seção juvenil não é uma ordem monolítica, havendo em seu interior posições divergentes, que contestam o conservadorismo político e moral vigente, fazendo lembrar a força da dialética da condição juvenil, discutida no item anterior.

Outra organização juvenil escolhida para a pesquisa foi um cursinho popular. Este cursinho foi tratado já em outro trabalho, fazendo uso inclusive do material coletado pelo grupo de estudantes que o investigou na disciplina “Juventude e movimento estudantil”, e por isto não será discutido aqui mais detidamente, apesar de sua grande pertinência ao tema deste dossiê, já que os seus organizadores se veem como militantes de um movimento social atuante no campo educacional. Aquele trabalho trata de diversas práticas educativas não

formais no Sul de Minas Gerais e está em processo de avaliação em outro periódico.

Considerando o exposto acima, estes últimos itens do artigo irão considerar apenas os resultados da investigação de campo feita com duas organizações juvenis, a saber, a seção juvenil 1 de tendência política de esquerda e a seção juvenil 2 de outra tendência de esquerda. As seções juvenis 1 e 2 têm sua principal atuação no interior da própria universidade, formados basicamente por estudantes dela. Elas costumam se organizar para participar das chapas que vêm disputando as eleições para o DCE nos últimos anos.

A seção juvenil 1 se apresenta como a juventude de uma tendência de extrema esquerda dentro do PT (Partido dos Trabalhadores). Fazem parte de suas ações políticas, a ocupação de espaços no interior da universidade, como o DCE e os Centros Acadêmicos, bem como outras instâncias decisórias com representação estudantil. Também, a formação de quadros da tendência do PT da qual faz parte, o fomento de pautas sociais dentro da universidade, como o combate ao racismo, ao machismo e à homofobia e a defesa das cotas sociais e raciais no acesso à universidade pública, e, enfim, o apoio a movimentos sociais como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra), o MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens) e a Marcha Mundial das Mulheres.

Na busca por documentos oficiais relativos à seção juvenil 1, o grupo encontrou a menção a um coletivo de mesmo nome, uma cartilha datada de 2009 redigida na Bahia por estudantes universitários. O coletivo participou inclusive da Revolta do Buzu, na Bahia, em 2011 – que ajudou a dar origem aos vários movimentos estudantis contra aumentos do valor das passagens do transporte público e pelo “passe livre”. Há dúvidas sobre qual é a real continuidade entre este coletivo e a seção 1, que leva o mesmo nome, e que não foram dirimidas pelas entrevistas. Ainda segundo documentação encontrada pelo grupo, a partir de 2012, por meio de uma resolução, o nome daquele coletivo passa a ser usado para descrever a divisão juvenil da tendência de extrema esquerda do PT. De acordo com a resolução, a seção juvenil atua como articuladora e formadora de base nas instituições de ensino médio e superior. Também, buscaria ocupar espaços nas instâncias administrativas das instituições de ensino e nas entidades estudantis oficiais, incluindo a UNE (União Nacional dos Estudantes).

São vários os núcleos desta seção juvenil em todo o país. Os núcleos estaduais têm liberdade de definir suas pautas, formas de luta e até mesmo a sua “logomarca”, o que demonstra que a seção adotou certas características típicas das organizações inspiradas nos movimentos autonomistas e antiglobalização, como a descentralização, a horizontalidade e a fluidez – reforçando a hipótese da origem “anarquista” deste coletivo, fora daquele partido político.

No município sul-mineiro, a seção juvenil 1 passou a ser mais ativa a partir de 2013. Na entrevista, os militantes da seção 1 afirmam que, de modo distinto ao de outras organizações juvenis de esquerda presentes na universidade (se referindo aos jovens do cursinho e à seção juvenil 2), não se caracterizam por

atividades lúdicas ou místicas, mas sim pela ação política direta, formação política e estudos teóricos. Segundo um dos membros entrevistados, corroborado pelos demais, eles se definem como “petistas” e “leninistas”, “com muito orgulho”. (militante A da seção juvenil 1). Não é à toa que aquela fluidez dos núcleos estaduais na definição das pautas de luta, que certamente contradiz com o ideal leninista de organização, é criticada por este mesmo militante da seção juvenil no município sul-mineiro: “É meio que parte boa e a parte ruim... que seus núcleos estaduais têm liberdade de ter suas pautas e próprias bandeiras. Mas a parte ruim é que a gente precisa trabalhar uma identidade própria nacionalmente.” (militante A).

No município mineiro, os militantes da seção 1 carregam a bandeira do partido em todos os eventos e assumem que fazem trabalho “de base” em prol da tendência do partido. Recentemente, esta posição tem criado dificuldades à seção juvenil 1, dada a crescente desconfiança em relação ao PT e ao governo federal atual, não apenas entre estudantes universitários, mas também entre militantes de outros partidos de esquerda.

Talvez também seja motivo de dificuldades a defesa de uma participação política com características da militância ao estilo leninista, a qual parece destoar de tendências apontadas mais recentemente por pesquisadores sobre a relação dos jovens brasileiros com a política. Considera-se a militância ao estilo leninista como aquela marcada pela obediência estrita às determinações dos órgãos dirigentes, na dedicação em tempo quase integral ao partido, em formação teórica sólida e na estratégia de ocupação dos espaços políticos. Quanto aos jovens brasileiros atuais, estudos têm apontado não apenas preocupações de caráter mais individualista em relação ao consumo e a própria inserção no mundo do trabalho (BARBOSA, 2008, BRANDÃO, 2008), mas também a crescente rejeição à política marcada por partidos burocratizados e pela democracia meramente representativa (SOUSA, 2008) e, enfim, a diversificação das formas de participação social e política, por vezes fluida, volátil e preocupada com a intervenção direta na vida social (SILVA; CASTRO, 2013).

Contudo, percebe-se pelas entrevistas que a seção 1 e a própria tendência que a abriga buscam vincular à militância ao estilo leninista algumas características que marcam o “ativismo” e a participação direta. Entre elas, a valorização da horizontalidade nas decisões, a evitação de hierarquias internas e da distribuição formal de cargos, a inserção em eventos de caráter social e político dentro da universidade, a adoção de pautas identitárias relativas a gênero, raça e sexualidade e a adoção de uma noção mais ampliada de política, a qual considera que “toda ação é política”, como se verá. Entretanto, tanto aqui quanto na seção 2, emergem lideranças no seio do coletivo apesar da ausência de cargos formais, seja por meio do “carisma” do militante, seja por causa da experiência adquirida pelos membros mais antigos.

Também, de modo semelhante aos “coletivos fluidos” de que falam Silva e Castro (2013), os militantes da seção 1 se integraram a ela principalmente por meio de relações de amizade, ainda que seus relatos procurem referendar a

afinidade ideológica. Enfim, a seção 1 tem uma noção extremamente valorizadora do papel dos jovens no interior do partido, em que a juventude, ao estilo de Mannheim (1982), é considerada como a força potencial transformadora da sociedade. A juventude se torna o “motor” da revolução:

E a gente acredita que só a juventude pode fomentar a questão do processo revolucionário dentro dos ideais que a gente acredita, até porque a gente fica brincando que a velha guarda teve sua importância, mas que passou o momento dela, e eles são, ficam como os conselheiros, são antigos, sabem muito mais do que a gente, mas que o processo revolucionário dentro do que a gente acredita quem vai ser o fomentador disso tudo é a juventude. (militante A, masculino, da seção juvenil 1)

A seção juvenil 2 tem inúmeras semelhanças com a seção 1. Inclusive, nos anos de 2014 e 2015, realizaram inúmeras ações em conjunto, incluindo a formação das chapas que venceram as eleições ao DCE da universidade, mas também atos públicos, dentro e fora da universidade, e cursos de formação. A seção 2 não se representa simplesmente como a “juventude” de uma tendência política de esquerda. Nas entrevistas, os membros da seção titubeiam em apresentá-la como independente da tendência com quem mantém relações orgânicas, cujas análises de conjuntura têm orientado estes jovens. Ora chamam sua seção de movimento social em apoio às lutas juvenis, ora de setor juvenil de um dado projeto ideológico, ora assumem ser o setor juvenil da tendência. Na verdade, há certa indefinição na própria tendência política, que se divide entre aqueles que defendem a sua formalização como partido político e aqueles que defendem a sua continuidade como “movimento social” pouco institucionalizado. Suas análises têm combinado críticas às políticas econômicas dos governos Lula e Dilma com o reconhecimento de diversas conquistas sociais de seus mandatos e a proposta do aprofundamento destas conquistas.

O material disponível na Internet apresenta a seção 2 como tendo se originado no Sul do país, em 2006, em apoio aos jovens do MST, a partir do que criou núcleos em todo o Brasil. Se tornou conhecida principalmente na promoção de atos públicos em repúdio a torturadores ativos durante o Regime Militar.

Três frentes de atuação se destacariam nesta seção: os jovens estudantes, os jovens das periferias e os jovens do campo. Afirmam que um tripé orienta este “movimento social” da juventude: a organização, a formação política e a luta, numa releitura das ideologias políticas de esquerda que parecem combinar tendências diversas, como o leninismo e a educação popular freireana. Assumem como método de ação política a *agitoprop* leninista (“Agitação e Propaganda”). Mas a interpretação da *agitoprop* pela seção 2 parece aproximá-la das contraculturas, pois, de acordo com os documentos e as entrevistas, não se trata apenas de discursos em atos públicos, mas também panfletos criativos, pichações, cartazes (“lambe”), teatros, *clown*, música, poesia, camisetas, broches, bandeiras, jornal, rádio, carros de som etc. Inclusive graças à proximidade com o MST, a seção juvenil 2 costuma fazer uso da “mística” em

suas ações políticas e reuniões de formação – herança que o MST trouxe da Pastoral da Terra, na qual são celebradas as lutas populares, com hinos, encenações e símbolos.

Se a seção 1 parece se identificar com táticas de propaganda e formação de maior sobriedade, a seção 2 assume o “fervor” da juventude, como diz um dos entrevistados, destacando o “viés artístico” e o uso amplo do *jingle*. Outro entrevistado cita o uso do *hip hop* entre os jovens das periferias.

Assim como a seção 1, os militantes da seção 2 buscam uma leitura da realidade que combina a denúncia da exploração econômica e das desigualdades sociais do capitalismo com lutas identitárias, especialmente contra o patriarcalismo e o racismo. Ao lado da defesa dos jovens trabalhadores do campo e da cidade, o discurso da seção 2 trata de machismo, homofobia, o massacre dos jovens negros e a questão ambiental. Principalmente em seus documentos, também se defende a autodeterminação dos povos subalternos, outro tema clássico das esquerdas. Segundo entrevista, a seção “não se limita a apenas uma linha de ação [...], mas sim, linhas de ação que correspondam a todas as áreas em que a opressão se faz presente.” (militante B, masculino).

No município sul-mineiro, assim como em outras partes do país, a seção 2 atua principalmente a partir da universidade. Também apresentam-se ao lado de movimentos sociais como o MST, a Via Campesina e o MAB. Mas ela parece ter ainda mais fluidez, horizontalidade e aderência às pautas identitárias que a seção 1 (ao menos neste município). Sobre a forma de organização, nas entrevistas os militantes da seção 2 afirmam que cada um desempenha o papel para o qual considera ter maior aptidão, de maneira voluntária: “Não há eleições dentro do coletivo, vai quem se disponibiliza a ir [...]” (militante A, feminino). Destacam muito a primazia da paridade de gênero, ou seja, que se garanta a representação do sexo feminino.

## Ser jovem

Das entrevistas realizadas, dois conjuntos de questões serão destacados: questões relativas à concepção de juventude do militante e da organização; questões relativas à concepção de política. As respostas lançam alguma luz sobre as possibilidades trazidas e os desafios enfrentados pelos movimentos sociais ancorados nos jovens estudantes universitários em nosso país, na atualidade.

Em relação à questão, “o que é ser jovem para você?”, os excertos das entrevistas, abaixo, trazem interessantes dados:

[militante B, feminino]: Difícil... (risos)

[militante A]: Ah, então... acho que é um momento de formação e idealização... é um momento transitório da infância pra uma fase adulta... É muito subjetiva a pergunta, então é complicado responder

[militante A]: É um momento de estruturação pessoal da pessoa pra... pro dia a dia, pro que ele vai ser no futuro...

[militante C, masculino]: É a estruturação do indivíduo enquanto ser social, não é? Não só na instância política, nem só no campo subjetivo, na vida própria, mas na... é... pra sociedade, não é? É a formação pra sociedade, como cidadão mesmo... acho que é isso.

[militante A, feminino, da seção juvenil 2]: Eu acho que essa questão é a mais difícil. [...]. É quando você começa a constituir... sei lá... a sua consciência, assim... como pessoa. Porque quando você é criança, você recebe tudo o que a família te dá, a escola..., você não questiona. Quando você é adulto, você já recebeu isso tudo, talvez você questionou ou não, mas só que você está incluso nessa sociedade. O jovem está numa posição crítica. [...] É, numa posição crítica ou que ele pega o que ele ouviu e diz “espera aí”, isso é certo? isso é errado? isso é a minha posição?” Acho que isso é... é a transição. É a fase crítica da sua vida. Você vai questionar tudo o que você receber e ver se... o que é que você quer aplicar na sociedade. Acho que é tipo isso. Ser jovem é...é a pergunta mais difícil.

[militante C, masculino, da seção juvenil 2]: Ser jovem é ter diversas perspectivas em aberto e aos poucos limitar isso, entendendo melhor o mundo e encontrando para si um espaço nele.

Chama a atenção nos diálogos, primeiro, as dúvidas e as dificuldades assumidas por vários dos militantes em relação à definição de juventude. Em seguida, a principal imagem da juventude (DAYRELL, 2003) ativada para esta definição, a juventude como transição à vida adulta. No caso da militante A da seção 2, a formação de consciência crítica indica que o jovem pode questionar a forma como a sociedade se estrutura atualmente, de modo que a resposta também ativa a imagem da juventude como “naturalmente militante”, assim como a concepção de Mannheim (1982) sobre a potencialidade contestadora das jovens gerações.

Neste sentido, as respostas indicam que estes jovens militantes não costumam analisar a própria condição juvenil, o que explica a dificuldade e o desconforto com a questão. Também, ao responderem, a ativação de imagens limitadas de juventude, que reduzem a complexidade da condição juvenil à transição – esta, ainda, pensada de modo linear ou evolutivo – ou à militância natural.

Apesar destas seções juvenis adotarem com grande consistência os temas identitários e as estratégias horizontais de organização, e apesar de serem capazes de fazer profundas reflexões e análises políticas da realidade, não apresentam o mesmo grau de consistência e profundidade na autorreflexão sobre a condição juvenil. Por exemplo, enquanto estes coletivos juvenis têm trazido temas instigantes, como questões de gênero e sexualidade, racismo, acesso e permanência na universidade, não apenas aos discentes, mas à própria universidade em seu todo, nas respostas acima seus militantes ativam a imagem do jovem – apenas ou predominantemente – como ser em transição ou preparação. Há um descompasso entre as práticas destes jovens, nas quais eles são sujeitos sociais plenos, nos termos de Dayrell (2003), e a dificuldade de assumir esta condição ativa e criadora.

Quanto à questão, “o que é a juventude para a organização?”, as respostas

foram as seguintes:

[militante B, feminino, Seção juvenil 1]: O Coletivo é um coletivo de juventude. Então, a militância toda é voltada para a juventude. [...]. Mesmo quando a gente sai e tenta conversar com outros movimentos, é com a juventude desses movimentos.

[militante B, masculino, da seção juvenil 2]: [...] Nossa! Juventude é a hora de a gente mudar! É a hora que a gente tem que ter o despertar, assim... [...] é você se levantar contra algo. E na juventude é a hora em que você está mais apto a fazer aquilo, sabe? Che Guevara diz isso, não é? Se você é jovem e não é revolucionário, não adianta nada você ser jovem.. [...].

[militante C, masculino, da seção juvenil 2]: É o sujeito que queremos organizar: moças e rapazes que estão nas escolas, nas universidades, que muitas vezes trabalham no campo ou na cidade e que querem se fazer ouvir, que têm coragem de intervir de forma criativa.

As respostas são muito interessantes, ao revelar que, para as seções a juventude são os sujeitos que devem mobilizar. Veja-se lá que a juventude não é definida pelo militante B da seção 1, nem pelo militante C da seção 2: eles identificam os jovens como a faixa populacional a ser mobilizada. Já o militante B da seção 2 ativa com mais força ainda a imagem da juventude como “naturalmente” militante, ou seja, os jovens são sujeitos com tendências “naturalmente” críticas e mesmo “revolucionárias”, mas que continuarão na “conformidade” caso este “fervor” típico da juventude não seja ativado via organização política.

Estas respostas renovam a fragilidade da concepção de juventude destas organizações, provavelmente pela falta de reflexão em relação ao tema, ou ao fato de que estas seções juvenis e as tendências políticas que as informam fazem uso de fontes tradicionais sobre a militância e a participação política dos jovens. Por isto, a noção sistematizada por Mannheim (o potencial contestador da juventude) é recorrente, servindo para reforçar a imagem da juventude naturalmente militante, mas cujo ímpeto crítico, ou “fervor”, precisa ser organizado e canalizado pela sociedade (ou pelos militantes jovens e/ou adultos) para a renovação ou transformação social. Che Guevara, referência mais cara às tendências de esquerda aqui tratadas, é inclusive nomeado para referendar esta imagem.

Também se fez presente a imagem da juventude como transição, como preparação aos papéis sociais como adulto – inclusive como o militante adulto - ainda que esta imagem tenha sido mais forte nas respostas à primeira questão. Esta presença revela a manutenção de certas concepções de política em que a participação juvenil é vista apenas como uma espécie de “pré-política”, servindo tão somente para preparar a atuação realmente “política” na maturidade. A juventude é tida aí como um período de aquisição de valores e habilidades que capacitam o sujeito à cidadania efetiva na vida adulta. Trata-se da concepção tradicional de “socialização política” (OPPO, 1998) que vem sendo criticada por pesquisadores (CASTRO, 2009) e contestada pelas práticas das próprias

organizações juvenis, inclusive por estas duas seções juvenis de esquerda.

Veja-se lá, as respostas sobre “Como têm sido as relações entre os jovens e os adultos no interior da organização ou entre as seções juvenil e adulta da organização?” foram as mais longas. Mesmo que reconheçam a importância dos militantes adultos e mais experientes, os militantes jovens afirmam a autonomia de suas seções, inclusive porque tratam de temas específicos dos jovens. As respostas, nos excertos abaixo, revelam uma prática de atuação política em que as questões que interessam aos próprios jovens, em diferentes setores sociais (universidade, campo, periferias), são por si só políticas e devem ser tratadas pelos próprios jovens e suas organizações.

[militante D, feminino, Seção Juvenil 1]: Acho que a gente tá [...] pra trazer para os jovens que eles têm um espaço político e que as ações nossas são pra eles. Pra que eles se sintam dentro de um espaço. Então, igual o secundarista daqui do colégio. Ele não tinha uma ideia de nada e aos poucos ele foi conhecendo o que é política. Ele foi entendendo o espaço que ele habita, que ele pode mudar o espaço e ajudar o outro a compreender o porque dele estar aqui.

[militante B, feminino]: E nós somos a juventude de um partido. Nós somos a juventude organizada de um partido. Nós estamos em disputa o tempo todo porque a juventude precisa ser reconhecida mesmo dentro da organização que ocupa. [...].

[militante B, masculino, da seção juvenil 2]: [...] A nossa juventude tem autonomia nos atos, autonomia no que faz. Nenhum movimento social assim, que é desses barbudos, mais velhos, chega assim e diz “Não! Ô molecada! Vocês têm que fazer isso aqui.” [...] Eles já estão organizados e a gente se inspira neles e a gente quer massificar e com tudo o que a gente tem pra ajudar, a gente ajuda, mas o nosso alvo são os jovens, sabe? [...] Ele já passou por aquilo e a maioria desses militantes são militantes antigos mesmo. [...] Numa hora, nós teremos que parar de ser da seção juvenil e tomar partido sobre outra questão.

Quanto ao segundo bloco de questões, trata basicamente da concepção de política para o militante e para a seção juvenil. Tanto na questão sobre o que é política para o militante, quanto o que é para a organização, percebeu-se mais facilidade para articular as respostas. Mas não deixaram de haver hesitações e dúvidas, inclusive porque, ao que parece, duas concepções de política se sobrepuseram: a política como administração da sociedade por meio de um conjunto de instituições que detém o monopólio do poder político; a política como os processos cotidianos de dominação e resistência que atravessam todos os setores da vida social, nos quais todos participam.

[militante C, masculino, da seção juvenil 1]: [...] É a ação que mostra que nós todos somos indivíduos de um mesmo grupo social, dos brasileiros, nosso território é o Brasil! Política é a ação de administrar e de gerir este território.

[militante B, feminino]: Todos os nossos atos são atos políticos, tudo o que a gente faz é em alguma instância movida por algo... por alguma outra coisa e... política é isso.

[militante A, masculino]: Uma coisa que vale lembrar [...] que é uma concepção rasa que muita gente tem que política, que é só partido político. [...] acho que a política é muito mais além, as nossas decisões são decisões políticas, eu ir ali, eu voltar e vestir uma determinada roupa ou comprar uma determinada coisa são decisões políticas. [...].

[militante A, feminino, da seção juvenil 2]: [...] Política pra mim é a organização do poder que a gente tem. Tipo de organizar o poder. Eu acho que é uma das coisas mais importantes que o ser humano inventou. Sem política não tem como ter sociedade. Não tem como ter nada. Política é organização. [...].

[militante C, masculino, da seção juvenil 2]: Política é relação de poder. Quem está mandando e quem obedece. Quem dita as regras do jogo e quem se beneficia com elas. Quem paga por elas. Quem morre por elas.

[Militante A, masculino, da seção juvenil 1]: [...] é a forma que a gente atua dentro elevando nossas bandeiras. Então, porque a gente não leva só uma bandeira. Atrás do Coletivo existem muitas outras bandeiras e muitas outras forças. São pautas nossas. Então, o que é política para o Coletivo? As ações no dia a dia.

[militante B, masculino, da seção juvenil 1]: A política que a gente bate de frente é contra essa política institucional que a gente tem. É a falta de representatividade do povo, sabe? [...] É prezar pela representatividade mesmo, deixar claro que a mulher tem que estar lá, que o negro tem que estar lá, que o jovem tem que estar lá, que o estudante tem que estar lá.

[militante A, feminino, da seção juvenil 2]: [...] Política pra gente é a gente se organizar e a não conformidade com as coisas. É a gente ir lá e lutar enquanto movimento. Lutar com os outros movimentos. [...] saber que o nosso papel não é de conformismo. [...] Nossa bandeira é a juventude popular aí.

As respostas têm grande riqueza e complexidade. Ativam, sim, aquelas duas concepções de política, que no limite são contraditórias, mas que por vezes são combinadas nos discursos. Por exemplo, os militantes da seção 1 assumem-se como a juventude de um partido político de esquerda, mas ao mesmo tempo acatam uma noção mais ampliada de política, na qual ela se enraíza nas decisões e nas resistências do cotidiano. Em seguida, estes jovens da seção 1, assim como os da seção 2, afirmam que a política, para a seção, é a organização dos jovens para participar das lutas sociais, em uma concepção de política próxima daquela dos novos movimentos sociais, que valoriza a participação e as pautas identitárias.

Os militantes da seção 2 contestam a noção de política atrelada somente às instituições oficiais, como os partidos. Mas suas respostas também revelam a forte presença daquela noção institucional, mais até do que os da seção 1. Elas tratam da política como organização da sociedade e poder institucional. Revela-se aquele dilema enfrentado pela própria tendência de esquerda ao qual esta seção tem relações orgânicas, oscilando entre o desejo de se tornar um partido político ou se manter como “movimentos social”.

Assim como nas questões sobre juventude, as respostas sobre o tema

política revelam, por um lado, as origens “clássicas” da práxis da militância das tendências “adultas” de esquerda, as quais as seções juvenis compõem, explícitas nas referências a Lenin e Che Guevara, implícitas nas concepções tradicionais de política institucional e representativa e na noção de socialização política (como mera formação dos jovens para a vida política plena apenas na idade adulta). Mas, por outro, revelam também a prática e a concepção de política (ainda que mais a prática) como a possibilidade de participação nas resistências na vida cotidiana, bem como a imagem do jovem como sujeito social e político pleno, exercendo a cidadania de modo ativo nas lutas em relação às questões próprias que o afligem.

### Considerações Finais

Ao final, buscamos pensar sobre as dimensões educativas presentes nas experiências tratadas. Elas integraram ensino, pesquisa e extensão em torno de uma prática investigativa sobre as organizações juvenis atuantes em uma universidade pública. Trata-se, portanto, de uma sistematização de práticas bem localizadas no tempo e no espaço, que não pretendem oferecer maiores generalizações ou revelar fundamentos profundos, ainda que se façam algumas indicações.

A disciplina “Juventude e movimento estudantil” buscou aproximar os conhecimentos teóricos e históricos com as organizações juvenis concretas que atuam na universidade, não apenas pela investigação, mas pelo evento de extensão, o Seminário que reuniu estas organizações. Serviu também para a formação de alguns militantes que cursaram a disciplina e, talvez, para a autorreflexão de outros jovens militantes que foram entrevistados.

As duas seções juvenis que foram tratadas, a seguir, indicaram algumas possíveis tendências dos coletivos estudantis universitários politizados, de caráter progressista. Primeiro, a adoção de formatos organizacionais mais flexíveis, horizontais e participativos, mesmo que combinados à práxis da militância clássica. Segundo, a combinação entre as pautas sociais clássicas das esquerdas com as pautas identitárias, mas de um modo bem mais orgânico e consistente que o flagrado em estudos de Mesquita. (2008) sobre as organizações estudantis no início deste século.

Quanto às concepções de juventude e política, as seções juvenis de esquerda, em suas entrevistas, renovaram esta convivência entre tendências clássicas e contemporâneas de militância. Mas também indicaram contradições, aqui tratadas por almejar que os próprios militantes venham a refletir sobre elas. Parece haver, primeiro, um descompasso entre as concepções de juventude verbalizadas – transição e militância “natural” - e aquelas praticadas – nas quais os jovens são sujeitos sociais e políticos em plenitude. Segundo, uma contradição entre as duas concepções de política ativadas: aquela que associa a política apenas às instituições representativas de poder e de gestão da sociedade; aquela que reconhece a política como ação e resistência em todos os âmbitos da vida social.

Em relação à concepção institucional e representativa de política, revela-se

outro descompasso entre a prática e o discurso das seções juvenis, em que a prática parece mais contemporânea que o discurso. Trata-se da noção tradicional de socialização política, em que o jovem (assim como a criança) são considerados como seres pré-políticos e, portanto, sua participação em debates e lutas relativas às suas demandas não seriam propriamente políticas, servindo apenas como preparação para a atuação futura como cidadão adulto amadurecido.

Enquanto isto, na prática e em parte de seus discursos, os militantes destas organizações têm ensinado muito à comunidade universitária sobre a participação política e as pautas identitárias. E o fazem por meio de novas estratégias de formação. Suas reuniões e atos públicos têm sido, além, de práticas organizativas e políticas, práticas de formação, nas quais alguns jovens têm aprendido-e-ensinado o caráter político das lutas contra as violências cotidianas que afligem jovens mulheres, negros, homoafetivos, pobres, camponeses e universitários. Têm ensinado, enfim, que estas lutas são plenamente políticas, buscam resultados concretos no tempo presente e têm impacto relevante nas relações sociais contemporâneas. São, portanto, muito mais do que ensaios do espaço público e simulacros do agir político.

## Referências

BARBOSA, A. O Movimento Estudantil Brasileiro: do início da década de 1990 a 2001. In: GROppo, L. A.; ZAIDAN FILHO, M.; MACHADO, O. L. (orgs.). *Movimentos juvenis na contemporaneidade*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2008, p. 53-65.

BRANDÃO, C. S. Movimento Estudantil contemporâneo: temas mobilizadores e formas de atuação. GROppo, Luis A.; ZAIDAN FILHO, M.; MACHADO, O. L. (orgs.). *Movimentos juvenis na contemporaneidade*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2008, p. 66-83.

CASTRO, L. R. de. Juventude e socialização política: atualizando o debate. *Psicologia: Teoria e Pesquisas*. v. 25, n. 4, 2009, p. 479-487.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*. set./dez. 2003, n. 24, p. 40-52.

GROppo, L. A. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. *Revista de Educação do Cogeime*. Ano 13, n. 25, dez. 2004.

MAGALHÃES, A. T. R. et al. Grupo de Estudos sobre a Juventude de Alfenas-MG: relato de experiência sobre um projeto de extensão universitária. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*. v. 7, n. 1, p. 7-13, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/3076/pdf>>, consultada em 21/mar./2016.

MANNHEIM, K. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, Marialice M. (org.). *Mannheim*. São Paulo: Ática, 1982, p. 67-95.

MESQUITA, M. R. Movimento estudantil e as questões de gênero e diversidade sexual. In: GROPPPO, L. A.; ZAIDAN FILHO, M.; MACHADO, O. L. (orgs.). *Movimentos juvenis na contemporaneidade*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2008, p. 84-107.

OPPO, A. Socialização política. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Noicola; PASQUINO, Gianfrancesco. (org.). *Dicionário de política*. 11a ed. Brasília: Editora da UnB, 1998, p. 1202-1206.

SILVA, C. F. S. e CASTRO, L. R. Para além das fronteiras convencionais do ativismo político: a inserção de jovens em “coletivos fluidos”. In: BEZERRA, H. D. & OLIVEIRA, S. M. (orgs.). *Juventude no século XXI: dilemas e perspectivas*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2013, p. 14-44.

SOUSA, J. T. Os jovens contemporâneos e a política contra o instituído. In: GROPPPO, L. A.; ZAIDAN FILHO, M.; MACHADO, O. L. (orgs.). *Movimentos juvenis na contemporaneidade*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2008, p. 117-156.

SOUZA, P. L. A participação nas políticas públicas de juventude. In: PAPA, Fernanda C.; FREITAS, Maria V. (orgs.). *Juventude em pauta: políticas públicas no Brasil*. São Paulo: Petrópolis, 2011, p. 163-190.

SOUZA, R. M. Protagonismo juvenil: o discurso da juventude sem voz. *Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade*. v. 1, n. 1, p. 1-28, 2009.

**Recebido em:** 02/07/2016

**Aceito em:** 21/07/2016